

ESTÁGIO DOCÊNCIA, PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E DIFICULDADES DOS ALUNOS NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA

Muryel Moura dos Santos¹.

¹Instituto Federal do Sertão de Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/599697942144048>

RESUMO: O presente capítulo apresenta uma análise da experiência de estágio docente realizado em duas escolas públicas no município de Campina Grande-PB, durante seis meses em 2023. O estudo tem como foco principal recuperar situações experimentadas e observadas em campo acerca da precarização estrutural do trabalho docente, das dificuldades de ensino e aprendizagem e da convivência com alunos no espaço escolar pós-pandemia. A metodologia aplicada para compreender esses fenômenos foi a qualitativa, com uso de diário de campo, observação participante e conversas informais com professores efetivos e contratados. Os resultados apresentam três aspectos: I. há uma diferença entre a formação inicial e a realidade de sala de aula, com superlotação, dificuldade de atenção por parte dos alunos e falta de recursos materiais essenciais; II. a precarização do trabalho docente, com baixos salários e múltiplas jornadas de trabalho; III. os alunos no contexto pós-pandemia apresentam dificuldades em competências básicas de leitura, escrita e lógica, que dificultam o processo de ensino-aprendizagem. Conclui-se que há necessidade de políticas públicas que valorizem a docência e atuem na reestruturação do ensino-aprendizagem, aspectos que demonstram uma crise educacional brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio docência. Precarização do trabalho docente e pós-pandemia.

TEACHING INTERNSHIP, JOB INSECURITY, AND STUDENT DIFFICULTIES IN THE POST-PANDEMIC CONTEXT

ABSTRACT: This chapter presents an analysis of the teaching internship experience carried out in two public schools in the city of Campina Grande-PB, over six months in 2023. The study's main focus is to recover situations experienced and observed in the field regarding the structural precarization of teaching work, the difficulties of teaching and learning, and the interaction with students in the post-pandemic school environment. The methodology applied to understand these phenomena was qualitative, using a field diary, participant observation, and informal conversations with permanent and contracted teachers. The results present three aspects: I. there is a gap between initial teacher education and the

reality of the classroom, with overcrowding, difficulty in maintaining students' attention, and lack of essential material resources; II. the precarization of teaching work, with low wages and multiple working hours; III. students in the post-pandemic context show difficulties in basic reading, writing, and logical reasoning skills, which hinder the teaching-learning process. It is concluded that there is a need for public policies that value teaching and act upon the restructuring of teaching-learning, aspects that demonstrate a Brazilian educational crisis.

KEY-WORDS: Teaching internship. Precariousness of teaching work. Post-pandemic.

INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19, iniciada em fevereiro de 2020, demandou do sistema educacional um grande desafio em sua história, com o fechamento de escolas e o ensino por videoconferência, devido ao caráter emergencial que evidenciou as desigualdades estruturais existentes no Brasil (Unicef, 2020). No entanto, o retorno às aulas presenciais em 2022 não implicou normalidade, mas sim uma realidade de sala de aula com defasagens na aprendizagem, ansiedade generalizada, evasão escolar e condições de trabalho docente precárias.

A partir desse contexto, a experiência de estágio, prevista nas leis (LDB, Lei nº 9.394/1996) e regulamentada pela Resolução CNE/CP nº 2/2015, tem peso importante na formação dos aspirantes à docência. É nesse momento também que o futuro professor tem contato com a realidade educacional e a confronta com suas expectativas formativas. Com a pandemia, o contexto educacional foi transformado: de um espaço de aprendizado para um espaço de choque de realidade, de riscos e de insegurança de direitos.

A precarização do trabalho não é algo de hoje, como demonstra Antunes (2020); no entanto, foi um fenômeno que se agravou na pandemia. Esse autor demonstrou que a queda dos salários, o aumento de contratos temporários, o aumento de professores substitutos, a ampliação da jornada de trabalho, a estrutura precária do ofício e as doenças físicas e mentais são fatores da precarização estrutural do trabalho. Isso afeta diretamente o desenvolvimento de uma atividade docente de qualidade e uma aprendizagem alinhada ao que preconiza a lei.

Não obstante, os alunos retornaram às escolas com dificuldades na leitura, raciocínio lógico e reflexão, descrença na educação, falta de concentração, ansiedade e vício em telas. Alguns alunos perderam familiares ou tiveram adoecimento de parentes devido ao vírus e às condições financeiras agravadas pela ausência de trabalho presencial na pandemia. Fatos esses que foram levados para a escola, que não estava preparada para recebê-los.

O capítulo parte da questão: como se relacionam, na experiência de estágio docente, a precarização do professor e as dificuldades de ensino-aprendizagem no período pós-pandemia?

O estudo apresenta três elementos importantes. O primeiro, mostra brevemente os fundamentos empíricos da observação e pesquisa de campo para o entendimento da realidade de sala de aula na contemporaneidade, contribuindo para a valorização de todos os profissionais da educação e para a reflexão sobre o ensino-aprendizagem. O segundo elemento aponta para a importância do desenvolvimento das práticas de orientação de estágio em escolas de forma crítica. Por conseguinte, o terceiro informa aos interessados e iniciantes do ramo educacional a necessidade de reflexão crítica sobre suas experiências e sobre como desejam ser professores com consciência cidadã e política.

OBJETIVO GERAL

Analisar, a partir da experiência de estágio realizado em duas escolas públicas de um bairro periférico de Campina Grande-PB, a precarização do trabalho docente e as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter qualitativo, caracterizado pela compreensão dos fenômenos a partir da experiência dos indivíduos no espaço educacional e pela descrição e significados atribuídos ao ofício de professor e à aprendizagem dos alunos. A pesquisa combina a descrição da atividade docente com uma perspectiva crítica sobre a educação. O trabalho foi desenvolvido em duas escolas públicas de ensino médio localizadas na periferia da cidade de Campina Grande, com estudantes de classe média baixa. As escolas possuíam aproximadamente 700 alunos distribuídos nos três anos do ensino médio, além de turmas de educação de jovens e adultos (EJA) no período noturno. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram: todo o quadro docente (60 professores), alguns desses já possuíam mais de uma década de atuação em sala, outros tinham mais tempo de docência, com quem foram realizadas conversas informais dentro e fora de sala de aula. O tempo dedicado ao estágio foi de seis meses, correspondente ao segundo semestre de 2023, totalizando 300 horas de atividade docente.

Na pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: diário de campo com registros regulares contendo detalhes das aulas, das relações entre professores e alunos e das conversas informais. Foram mais de 300 páginas de registros de campo. Isso foi feito respeitando os princípios éticos da pesquisa no campo da educação; todos os nomes pessoais aqui foram preservados.

RESULTADOS

Os resultados dessa pesquisa se organizam em três aspectos principais que nortearam o desenvolvimento de um olhar crítico acerca da formação docente, sendo

importantes de serem destacados. Inicia-se pelo estágio: tal prática profissional permitiu observar a discrepância entre teoria e realidade. Por exemplo, nas escolas 1 e 2, as turmas tinham entre 35 e 45 alunos, o que exigia do professor jogo de cintura para conseguir ensinar a todos. Tarefa difícil de ser desenvolvida, pois nem todos pareciam dispostos física e mentalmente a atentar para as palavras do professor, devido à rotina exaustiva da escola integral (Pimenta, 2018). Muitos alunos alegaram que não gostavam desse modelo de ensino porque não podiam ter tempo livre para fazer outras coisas além da escola; alguns informaram ainda que preferiam procurar uma escola distante de sua casa que fosse do modelo “normal” para ter tempo de praticar um esporte, estudar para o vestibular ou trabalhar meio período.

No estágio, notou-se também que os alunos tinham dificuldade de prestar atenção não apenas pelo cansaço escolar, mas também pelo uso excessivo do telefone, o qual utilizavam para conversar com outras pessoas, jogar videogame, ouvir músicas e assistir a vídeos, muitas vezes dentro da sala e na presença do professor. Apesar de as escolas avisarem que a utilização de celular é proibida, os alunos procuram meios de burlar essa regra, como colocar o livro aberto na frente do aparelho para não mostrar que estão utilizando-o.

Em algumas salas, foi preciso improvisar dinâmicas de atividades para fazê-los prestar atenção no que era apresentado, como chamar alunos para fazer leitura de textos ou realizar apresentações no mesmo dia, para que não ficassem sem atividades e a dispersão não fosse ainda maior. Em algumas salas também não havia televisão nem datashow para realizar apresentações, e o próprio ambiente não tinha ventiladores suficientes para tornar suportável o calor que entrava pelas janelas das salas de aula.

Nesse ambiente, com essas dificuldades, o professor dedica seu tempo à organização e à conquista da atenção dos alunos, realiza ainda o preenchimento dos diários, assume o papel de mediador de conflitos entre alunos e observador até mesmo de atividades básicas, como a higiene básica dos alunos.

As conversas informais com os professores da escola evidenciaram um quadro de precarização em curso, como exemplificam os discursos de diferentes profissionais apresentados a seguir:

“eu não dou aula, dou a vida porque eu chego em casa cansado e sem tempo para fazer alguma coisa de lazer”.

“os alunos de hoje não são os de ontem, a pandemia mostrou uma face da educação que muitos não viam”.

“você ta vendo os desafios que é ensinar e ainda não somos valorizados, querem que sejamos professor, advogado e psicólogo” (Caderno de campo, 2023).

Acerca das aulas, os professores alertam que os alunos têm dificuldade de entender enunciados básicos de disciplinas como português e matemática. As dificuldades se mostram na produção autoral de textos dissertativos, descritivos e reflexivos; alguns alunos se negam a escrever bastante, como no caso de uma redação com até 30 linhas. Quando uma atividade pede 15 linhas escritas, os alunos imediatamente solicitam aos professores que seja reduzida para 10 ou 5 linhas, uma demonstração de seu distanciamento de tarefas que exigem um pouco mais de desenvolvimento lógico e sistemático.

Foi observado que, durante as aulas, os alunos tinham dificuldade de manter a concentração nas atividades expositivas, seminários e exercícios. As conversas paralelas eram um fator menor como causador da desatenção quando comparado ao uso do celular e aos pedidos para ir ao banheiro como justificativa para ficar ausente da sala de aula. O celular é um objeto importante para os alunos; embora a instituição estabeleça a proibição do uso do aparelho, essa regra não era cumprida. Vários alunos e alunas utilizavam meios de esconder que estavam usando o dispositivo (como esconder o celular no meio do livro, usar dentro da mochila ou abaixo do porta-objetos da carteira). Além disso, muitos deles e delas afirmavam que dormiam tarde e faziam uso do aparelho por longas horas diariamente em redes sociais e jogos.

A utilização dos aparelhos surge como mecanismo de controle e conformidade quando o objeto está sob seu domínio. Entretanto, quando esse dispositivo era retirado dele ou dela, isso promovia apatia, irritação e até raiva; alguns chegaram a ficar com raiva de certos professores e funcionários das escolas ao serem solicitados a guardar o celular, como comenta Fernandes (2025) sobre o uso de telas:

Estudos recentes indicam que o uso excessivo de telas por crianças e adolescentes pode causar alterações físicas no cérebro, como danos na substância branca e no córtex cerebral, além de comprometer funções cognitivas e reduzir o QI. O neurologista infantil Marcelo Masruha alerta que o problema não está apenas no tempo de exposição, mas principalmente na qualidade do conteúdo consumido. Irritabilidade, atraso na linguagem e dificuldade de concentração estão entre os sinais precoces de impacto (Fernandes (2025, p1).

Os alunos e alunas também usam outras estratégias: “se eu não uso o aparelho, também não participo da aula”. Mas acontece que a participação deles e delas fica sempre comprometida quando o foco da aula não é a exposição, mas o aparelho. Com isso, foi possível observar ainda respostas ríspidas em resposta ao pedido das instituições como efeito da retirada do aparelho.

Além desses aspectos descritos acima, soma-se a não participação e a ausência nas aulas. Muitos alunos se matriculam e depois desistem devido à rotina de dois turnos na

escola; como já foi mencionado, o estilo de escola integral não é bem-quista pelos alunos com quem foi possível conversar. A desistência se dá porque eles querem tempo para se dedicar a outras áreas da vida. Alguns alunos comentaram que iriam desistir e estudar à noite porque só assim conseguiriam ter tempo. Depois da pandemia, com o teletrabalho (precarizado), muitos jovens têm buscado meios de conseguir dinheiro de forma “autônoma”, como entregador de fast food de bicicleta (“bike food”). Não obstante, o processo da pandemia deixou traumas nesses adolescentes, pois muitos relataram ter adoecido, perdido amigos, ter parentes adoecidos; crises de ansiedade e insônia aumentaram, fatores que reverberam negativamente no interesse pela educação.

DISCUSSÃO

O estágio docente é um momento de choque com a realidade entre a sala de aula da universidade e a da escola pública. A experiência de estágio enquanto choque foi observada por outros estagiários nas duas escolas e por colegas de cursos já formados, em especial na escola pública de bairros de classe média baixa. Foi preciso entender que a realidade da escola pública não é a mesma observada na universidade e, por isso, gera essa discrepância entre o real e o ideal. Trata-se de um contexto interacional em que a possibilidade material de ensinar se torna comprometida pelas condições objetivas, como a superlotação em salas pequenas, a falta de recursos didáticos e a transformação estrutural da educação na percepção de mundo dos alunos, que foi acentuada com a pandemia. O estágio docente precisa ser supervisionado; caso contrário, o futuro professor pode entender que aquela realidade de sala de aula é algo incontornável e desistir da carreira. Quando o estágio é acompanhado de uma análise crítica, pode se tornar um importante mecanismo de transformação cidadã.

Segundo Antunes (2020), há uma precarização estrutural do trabalho em curso, como se observa em campo, sendo esse um processo histórico que se repete ao longo do tempo, desvalorizando a profissão, flexibilizando os contratos, aumentando a carga de tarefas e trabalho, com salários abaixo da inflação e adoecimentos mentais e físicos. No último levantamento no estado sobre professores contratados, havia mais de 7 mil; esse número de docentes não possui estabilidade e não permanece muito tempo no cargo devido aos contratos assinados, como mostram inúmeras reportagens sobre o tema (Martins, 2026). Sabendo que esses docentes não podem ficar muito tempo no cargo, isso mostra que há uma rotatividade de professores, o que afeta negativamente o desempenho dos alunos, evidenciando-se como outro fato preocupante para o ensino-aprendizagem (Tardif, 2014).

Não obstante, nas duas escolas em que foram realizados os estágios docência, não havia profissionais da saúde mental (psicologia), tampouco profissional formado em serviço social, formações importantes para a existência no ambiente escolar. A ausência desses profissionais coloca a responsabilidade de acolhimento e das demandas sociais e emocionais para o professor. Isto é, o professor, sem formação para atender a essas

demandas, acumula funções sozinho. Tomando esses elementos de acúmulo de funções e mais responsabilidades, faz com que os docentes possam desenvolver burnout/ansiedade/stress pelo excesso de demandas impulsionadas pelo estilo de vida capitalista que ingressa no âmbito educacional ao longo do tempo.

Esse estilo de vida, quando encontrou o ensino remoto devido à covid-19, ampliou a desestruturação, em especial dos alunos e alunas que não tinham acesso à internet durante o período de resguardo em suas residências para evitar contágio com o vírus – fato esse que ocorreu e não houve estratégias educacionais adequadas para reestruturar a aprendizagem durante e depois do período de resguardo. Não obstante, isso causou uma série de emoções que já foram mencionadas aqui, como ausência de foco e desmotivação com a educação.

O excesso de telas intensifica a ausência de foco e a desmotivação com a dimensão educativa. Trata-se não somente de uma questão da moral dominante, mas de uma pluralidade de fenômenos sociais, econômicos e políticos, notadamente quando, no período de proteção contra o vírus, os adolescentes ficaram horas nos aparelhos tecnológicos, seja para participar das atividades escolares, seja para entretenimento em redes sociais ou streaming. O processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes, como demonstrado por Piaget (1964), não está preparado para os estímulos acelerados e recompensas imediatas e rasas. Piaget mostra que se trata de um processo, isto é, o aprendizado é paulatino, demanda tempo, atenção e cuidado com esse momento de formação dos indivíduos. O adolescente que se encontra dentro de um contexto em que a tela do celular era uma máxima devido à pandemia, quando retorna à escola que lhe demanda “atenção, esforço prolongado e foco”, apresenta desinteresse. Contemporaneamente, o professor tem que disputar a atenção do aluno com os aparelhos móveis que oferecem dopamina rápida e viciante.

A pesquisa mostrou que o romantismo social sobre o docente como ofício nobre era falho e fugidio, e que é preciso, sim, de políticas públicas que possam contribuir para a valorização dos docentes com salários adequados, planos de carreira, suporte educacional e infraestrutura adequadas para o ofício, além de estratégias de ensino-aprendizagem que possam contribuir para as dificuldades dos alunos e alunas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo focou em analisar, a partir da experiência de estágio docente pós-pandemia em duas escolas públicas de ensino médio em Campina Grande-PB, as relações de precarização do trabalho do professor e as dificuldades de ensino-aprendizagem no espaço escolar. A pesquisa demonstrou que: o estágio docente é uma iniciação ao ofício que causa choque entre a formação e a realidade de sala de aula, com superlotação, desatenção, vício em telas e sobrecarga de funções dos professores; o trabalho desenvolvido pelos profissionais da educação apresenta-se com baixos salários para a demanda criada

pelo Estado, com salas de aula despreparadas para as tecnologias educacionais em voga e, além disso, há um cansaço decorrente das muitas atividades em que os docentes se envolvem para cumprir o que é pedido pelo Estado para completar a carga horária; os alunos que passaram pela pandemia da covid-19 apresentam dificuldade de concentração, irritam-se e ficam entediados rapidamente quando estão sem acesso aos aparelhos móveis e, quando não estão com seus aparelhos, chegam até a discutir com colegas. Essas três dimensões se articulam e criam dificuldades para o ensino-aprendizagem na escola, em que a desarticulação coletiva aparece como projeto para individualizar os sofrimentos de diversas ordens no espaço escolar e fazer acreditar que as dificuldades são causas de baixa performance individual (Fisher, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior**. Brasília: MEC, 2015.

FERNANDES, Julia. **Excesso de telas afeta o cérebro e prejudica a cognição**. Brasília: Radio Senado, 2025. <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2025/06/17/excesso-de-telas-afeta-o-cerebro-e-prejudica-a-cognicao>

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Tradução: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

PIAGET, Jean. **Desenvolvimento e Aprendizagem**. In: Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia II, UFRGS – PEAD 2009/1. Traduzido do original incluído no livro de: LAVATTELLY, C. S. e STENDLER, F. Reading in child behavior and development. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972. Reimpressão de RIPPLE R. e ROCKCASTLE, V. Piaget rediscovered. Cornell University, 1964.

MARTINS, J. C. **TCE-PB Determina Nomeação de Professores Aprovados em Concurso Público e Acata Denúncia Contra a Prefeitura de João Pessoa**. João Pessoa, Veja Paraíba, 2026. https://vejaparaiba.blog.br/politica/noticia_tce-pb-determina-nomeacao-de-professores-aprovados-em-concur-1770155702.php

OLIVEIRA, D. A. **Trabalho docente no Brasil pós-pandêmico: qual o destino dos recursos públicos?**. Retratos da Escola, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 713–732, 2022. DOI: 10.22420/rde.v15i33.1362. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1362>. Acesso em: 19 maio. 2026.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. ***Estágio e docência***. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

UNICEF. ***Relatório do UNICEF e do PNUD mostra o impacto da pandemia na educação***. Brasília: UNICEF Brasil, 2020. <https://Brasil.un.org/pt-br/95330-relat%C3%B3rio-do-unicef-e-do-pnud-mostra-o-impacto-da-pandemia-na-educa%C3%A7%C3%A3o>

VITOR LEITE PAOLI, Paulo. **Recomposição da aprendizagem pós-pandemia: um relato de experiência em uma escola pública**. Colóquios - Geplage - PPGED - CNPq, [S. l.], v. 5, p. p.544–552, 2024. Disponível em: <https://www.anaiscpge.ufscar.br/index.php/CPGE/article/view/1188>. Acesso em: 19 maio. 2026.